

PRESENÇA JUDAICA NA TOPONÍMIA BRASILEIRA: BRASIL, ORIGEM E MISTÉRIOS

Jane Bichmacher de Glasman (UERJ)
janeglasman@terra.com.br

1. Introdução

Os historiadores costumam descrever a História do Brasil (e nela, a dos judeus) a partir do descobrimento pelos portugueses. Entretanto, existem desde a Idade Média, teorias - baseadas em evidências arqueológicas, linguísticas e literárias – sobre a presença judaica no Brasil remontando ao período bíblico, no reinado de Salomão, tendo chegado os israelitas com as navegações feitas em aliança com os fenícios, especialmente na Amazônia. A própria origem do mito das Amazonas remeteria a lendas mesopotâmicas, protagonizadas por fenícios e hebreus, além de vocábulos indígenas e denominações geográficas, como o Rio Solimões (corruptela de Salomão). Textos bíblicos ao mencionarem as terras de *Parvaim*, *Ofir* e *Tarshish*, onde foram buscar materiais preciosos para a construção do Templo, foram identificadas por pesquisadores com o Brasil. Pesquisas sobre o destino das “10 tribos perdidas” reforçaram a hipótese da presença judaica no país. Jesuítas escreveram sobre semelhanças de costumes de povos indígenas e judeus. Vocábulos de várias línguas indígenas têm origem semântica hebraica. O próprio nome Brasil seria derivado do vocábulo hebraico *barzel*. Neste trabalho pretendemos apresentar, descrevendo criticamente, tais hipóteses e os elementos concretos que as corroboram.

2. Começamos com o nome: Etimologia de Brasil

O nome Brasil é anterior ao país. Aparece cerca de 500 anos antes de 1500. As raízes etimológicas de *Brasil* são controversas, sendo as principais um corante, uma árvore ou uma ilha.

2.1. O corante

As origens mais remotas do termo podem ser encontradas na língua dos antigos hebreus e fenícios: o nome de um corante vermelho que eles comerciavam e que era extraído de um mineral pelos celtas, o ciná-

brio, nome popular do sulfureto de mercúrio, um mineral de cor vermelha brilhante utilizado desde a antiguidade como base para corantes e para o vermelhão usado em pintura corporal. Hipótese defendida pelo filólogo brasileiro Adelino José da Silva Azevedo as resumiu em uma só num livro publicado em 1967. Segundo ele, os gregos substituíram os fenícios no comércio deste produto, ao qual chamavam de *kinnabar*, e em latim *cinnabar*, em português, *cinábrio*. Devido à inversão de sílabas em idiomas celtas, a palavra *kinnabar* era pronunciada *barkino*, que daria lugar a *barcino*, um adjetivo relativo a animais de pelo avermelhado e passou a nomear a cor vermelha em vários idiomas de influência celta. A palavra gaélica irlandesa equivalente é *brezáil*, ou simplesmente *brazil*, que depois aparece em castelhano como *barcino* ou *bracino* e em português como *varzino* ou *brazino* como designação dada à cor dos bovinos avermelhados. Todos estes vocábulos têm o significado geral de vermelho e confirmam a ocorrência das grafias celta e ítalo-celta. Contudo é no gaélico irlandês, onde permaneceu mais vivo o substrato céltico, que se documenta melhor a ocorrência do *barcino*, *brakino* e *brazil*. A palavra sobreviveu até ao século XVIII, como o documenta o título de O'Brasil dado a um poema do poeta irlandês Moore, sendo a palavra também referida pelo folclorista O'Flaherty. A ligação entre o cinábrio e uma ilha mítica sita para além do horizonte irlandês parece resultar dos contactos comerciais estabelecidos entre fenícios, gregos e celtas a partir do século VI a.C., através dos quais os celtas importavam *brazil*, ou seja o vermelhão de cinábrio, provavelmente de origem ibérica, através de mercados que vinham por mar desde terras distantes. Por essa época, o celtismo *brakino* e o ítalo-celta *verzino* suplantaram respectivamente o grego *kinnabar* e o germânico *zinner*, todos com sentido afim, como nome daquele mineral.

A origem da palavra gaélica *O'Brasil* é o celta *Hy Breasil*, que significa *descendentes do vermelho*, ou *os do vermelho*, onde o *s* é igual ao *z* (de onde *Hy Breazil*), do celta *breasil*, *brazil* para *vermelho*. Resalte-se que o *s* do celta *breasil* só foi transliterado pelo *s* latino por manifesto erro de interpretação gráfica.

Neste contexto o vocábulo *O'Brasil*, *os do vermelho*, passou a constituir uma referência aos gregos e fenícios, os quais ao deixarem de comerciar o cinábrio com os celtas como que desapareceram nas brumas do Atlântico, tornando-se um povo mítico e afortunado, que nunca voltou à Irlanda, porque vivia feliz na misteriosa e paradisíaca ilha do Brasil. Esta ilha do Brasil foi depois incorporada no contexto mais vasto das

ilhas míticas, ligando-se à grande tradição atlântica das ilhas de São Brandão.

Eduardo Bueno, em sua obra "A viagem do descobrimento", diz que o nome Brasil vem do celta *bress*, que deu origem ao verbo inglês *to bless* (abençoar). Assim, *Hy Brazil* significaria "terra abençoada".

2.2. A ilha

A ilha Brasil, originariamente *Hy Breasail*, também chamada *Hy Brasil*, *Hi-Brazil*, *Hybrazil*, *I-Breasil*, *Brazil*, *Brazille*, *Brazir*, *Brazi*, *Brazie*, *Bracil*, *Bracir*, *Bacil*, *Berzil*, *Braxil*, *Braxili*, *Buzille*, *O'Brasil*, *O'Brassil* e *Brisilge*, é uma ilha mitológica irlandesa que foi representada em muitos mapas do Oceano Atlântico de 1325 a 1865. Sua localização mais usual é a sudoeste da Irlanda.

O nome da ilha deriva do irlandês *Hy-Breasail* (ilha de *Breasal*), relacionada a *Bresal* ou *Breasal*, druida e mago dos *sidhe*, relacionado na mitologia irlandesa como *Breasal Etarlam* (*Breasal*, o Alto Rei do Mundo).

Etimologicamente, *Breasal* vem do celta *brestelo* ou *brusio*, luta, batalha (Proto-Indoeuropeu *bhreiH*, "quebrar") + *ual-os* "chefe", de onde se derivaria *Brisso-ualos*, *Bressual* (arcaico) e *Breasal* "chefe dos guerreiros". Quando *Breasal* morreu, sua pira funerária (*Barc Breasail*) foi deixada à deriva no Oceano e o carregou até a ilha invisível chamada *Hy Breasail*, imaginada como uma terra de prazer perpétuo e festejos, análoga aos Campos Elísios da mitologia grega, onde *Breasal* reina sobre os mortos privilegiados, originalmente os heróis que perderam a vida em batalha.

Um lenda o associa à tumba neolítica de Dowth, conhecida também como *Sidhe Breasail*. Segundo uma lenda, *Breasal* tentou construir uma torre até o céu.

Outra lenda refere-se a um *Breasal* que construiu uma torre em Bragança, Portugal, de onde, numa noite de inverno, seu filho *Ith* viu a Irlanda e decidiu visitá-la, o que levou os milésios a conquistarem a ilha aos *Tuatha de Danaan*, seus antigos donos.

Há ainda um lendário rei *Bresal Bó-Díbad* da Irlanda, que reinou de 151 a 140 a.C. segundo uma tradição e de 210 a 199 a.C., de acordo com outra. Teria tomado o poder depois de matar seu predecessor e go-

vernado onze anos, durante os quais houve uma praga do gado que deixou só um touro e uma novilha vivos.

Na Irlanda, *Breasal* ou *Breasail* veio a tornar-se um nome relativamente comum. O santo irlandês Breacan (480 a.C.) tinha como nome anterior *Breasal*. *Uí Breasail* (filhos de Breasal) é um dos antigos clãs do nordeste da Irlanda. Seu território era originalmente chamado *Uí Breasail Macha*. Foi mais tarde chamado *Clann Breasal* ou, em inglês, *Clanbrazil* ou *Clanbrassill*. Os sobrenomes *Brassil*, *Brazier*, *Brazil* e *Brazill* são comuns até hoje na Irlanda. Como *O'Brasil* é atualmente um nome próprio irlandês, *Hy Bressail*, *O Brazil*, *Brasil*, *Bracil*, *Bracir* são corruptelas da palavra gaélica.

O primeiro registro de uma Ilha chamada Brasil data de 1325 e consta da carta do genovês Angel Dalorto que a situa a oeste da costa sul da Irlanda. Aparece num mapa da Catalunha de 1325-1330, no mapa de Dulcert de 1339, no mapa dos irmãos Pizagani de 1375-1378, no mapa do cartógrafo veneziano Andrea Bianco de 1436 (onde já se menciona explicitamente o Mar dos Sargaços). Esta ilha surge no mapa atlântico do cartógrafo veneziano Zuane Pizzigano e no mapa anônimo chamado de Weimar, ambos de 1424, com o arquipélago dos Açores, e as ilhas Antília, Satanazes, Saya e Ymana. O historiador português Armando Cortesão sugere uma “hipotética eventualidade do conhecimento tardo-medieval dos Açores, do Atlântico Central, dos arquipélagos das Caraíbas ou Antilhas”, bem como do continente americano, pelos portugueses. Tais ilhas aparecem de forma idêntica na carta do cartógrafo genovês Battista Beccario, de 1435 (onde as ilhas lendárias são clara e implicitamente identificadas com os Açores reais na expressão adjunta figurante “ilhas novas ou recentemente descobertas”) bem como nas de Bartolomeu Pareto, de 1455, e Gracioso Benincasa, de 1470 e 1482. A posição e as dimensões da ilha variam de carta para carta, mas a partir de meados do século XIV ela começa a ser colocada no Atlântico Norte centro-ocidental.

A procura da Ilha do Brasil foi uma constante nas navegações renascentistas do Atlântico até 1624. Os portugueses foram responsáveis por fixar tal nome a uma terra pois inicialmente denominaram ilha Brasil àquela que se conhece hoje no arquipélago dos Açores como Ilha Terceira e onde, muito antes de 1500, já a península fronteira à cidade de Angra ostentava o nome de Monte Brasil, que ainda mantém. Desde o oeste da Irlanda, seu lugar inicial, a posição da suposta ilha migrou para oeste, primeiro para os Açores; de lá deslocou-se para sudoeste, primeiro para

as Caraíbas, para depois se fixar no litoral do atual Brasil.

Em 1500, o Brasil como lugar mítico já estava presente no vocabulário dos povos do ocidente europeu há muitos séculos. Mas mesmo após a consagração do nome Brasil para o continente descoberto, a ilha mítica permanece na cartografia, como no mapa de Fernão Vaz Dourado, de 1568.

2.3. *A madeira*

A origem do nome Brasil derivada da madeira já era defendida na época colonial, onde cronistas da importância de João de Barros, Frei Vicente do Salvador e Pero de Magalhães Gandavo apresentaram explicações concordantes acerca da origem do nome *Brasil*. De acordo com eles, o nome *Brasil* deriva de *pau-brasil*, a designação de um tipo de madeira empregada na tinturaria de tecidos, nome também conhecido desde a Idade Média e inicialmente usado para denominar uma madeira proveniente do Malabar e de Sumatra, da qual se extraía uma tintura vermelha (*Caesalpinia sappan*, chamada em inglês *brezel wood* ou *sappanwood*), hoje conhecida em português como pau-brasil-da-Índia, pau-de-tinta, tintureira ou sapão.

A palavra *brasil* estava associada ao corante vermelho muito antes da descoberta e antes mesmo que a ilha Brasil aparecesse no mapa: é documentada desde 1085; em 1194, em italiano e desde 1377 em português. Para os defensores desta teoria, o fato de palavra semelhante existir no folclore celta com outro significado e etimologia é coincidência.

Ao que tudo indica, a comercialização de *brasil* no Ocidente remonta ao século IX. Mas é do início do século XI um dos mais antigos documentos relativos a esse comércio na Europa: um registro da alfândega de St. Omer, de 1085, estipulava o preço de *kerka bersil*. Nos séculos seguintes, as referências a essa madeira vermelha tornam-se mais frequentes. A ortografia difere de acordo com as regiões e as épocas. Exemplos: *Brasile* (Ferrara, 1194), *Brezel* (França, 1208), *Brasill* (Barcelona, 1221), *Verçi* (Veneza, 1243), *Brazil* (Roussillon, 1252), *Brésil* (Douai, 1273), *Braxilis* (Módena, 1306), *Bresilien* (Colônia, 1321), *Brisilien* (Nuremberg, 1361).

O pau-brasil era então uma mercadoria de grande valia e podia, ocasionalmente, servir de moeda para determinadas transações, como a pimenta. Assim, um pagamento de cem libras foi autorizado em Gênova,

em 1151, à razão de uma quarta parte em prata, outra em livros, outra em pimenta e outra em *brasil* (*in brazilem*).

A primeira referência documental surge num tratado comercial de 1193 entre o Duque de Ferrara, na Itália, e um seu vizinho, que inclui “grana de Brasill” em uma lista de produtos que também inclui incenso e índigo. A expressão “grão de Brasil” se repete em uma carta do mesmo país cinco anos mais tarde.

Segundo Muralt (2006), Marco Polo descreve, em 1260, a abundância do pau-brasil na ilha de Nicobar, ao norte de Sumatra, e a qualidade do *brasil* do Ceilão e de Quilon, na costa de Malabar. “E digo-lhes também que todas as florestas deles estão repletas de árvores nobres e de valor muito grande: sândalo vermelho e branco, [...] brasil” e, ao descrever o país de Lambri, em Sumatra, escreve, em 1299: “Eles têm brasil (*verzino*) em grandes quantidades. Plantam-no, e quando cresce até o tamanho de um pequeno rebento, o levam e transplantam; então o deixam crescer por três anos, quando o arrancam pela raiz”.

Outras referências a *brasil* aparecem nas escalas dos portos de Barcelona e de outras cidades marítimas no século XIII. Em 1221 encontra-se *carrega de Brasill* (carga de brasil), em 1243 *caxia de bresil* (caixa de brasil) e, em 1252, *cargua de brazil* (carga de brasil). Em 1312, na cidade de Dublin, surgem as palavras: *de brasile venali*.

Tendo sido nomeada a árvore a partir do corante que fornecia, o termo Brasil é aplicado, conforme o contexto, ora à árvore ora à matéria tintorial.

Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado (1952), o termo se documenta em português, pela primeira vez, em 1377: “*Item de Sene E de çofeina E de brasil que trouuerem ou leuarem também vezinhos pagam dizjma...*”, em *Descobrimentos Portugueses*, I, p. 53.

Só depois dos Descobrimentos o mesmo nome de brasil foi aplicado à madeira da Terra de Vera Cruz usada com o mesmo propósito, a ibirapitanga dos tupis (*Caesalpinia echinata*, chamada em inglês *brazil wood*), hoje conhecida como pau-brasil. O corante vermelho do pau-brasil era extraído por imersão da sua serragem em água fervente. Já o sapão, além desta técnica, fornecia um corante de melhor qualidade se extraído de um material esponjoso existente no seu cerne.

Nosso país, embora não oficialmente, já era chamado por este

nome desde cedo. Por exemplo, no segundo contrato de arrendamento da terra recém-descoberta em 1503, as únicas mercadorias mencionadas são as especiarias e o *abrasil* e no livro de bordo da nau Bretôa (que partiu de Lisboa a 22 de fevereiro de 1511, dentro do contrato de arrendamento a Noronha) registra-se que o destino da viagem era *ho brazill*. Nas instruções aos responsáveis pela caravela está dito que poderiam trazer o pau-brasil.

Em *Brasil na lenda e na cartografia antiga*, de Gustavo Barroso (1941), a tese segundo a qual o nome do País deriva da mítica ilha irlandesa ganhou conotações antissemitas. Partindo da hipótese, plausível, segundo a qual os navegadores portugueses conheciam a Ilha Brazil, pois estava reproduzida em vários mapas, Barroso afirmou que houve fusão das duas vertentes da palavra Brasil na definição do nome do país, ignorando as unânimes referências em favor da madeira. Tratava-se de tentar conferir ao nome do país uma origem mais digna do que uma reles mercadoria. Ele é explícito:

Aliás, a origem a que nos inclinamos é mais agradável ao espírito e ao coração dos brasileiros. Não pode haver quem não prefira que o apelido de seu torrão natal signifique Terra Abençoada, Terra dos Afortunados, dos Bem-aventurados, of the Blest, do que recorde tão somente o utilitário e vulgar comércio do pau de tinta (...) exercido nos primeiros dias da conquista, não pelos portugueses idealistas que a realizaram, mas pelos cristãos novos Loronhas e Bixordas.

Loronha é Fernando de Noronha, primeiro contratador do comércio de pau-brasil, que deu nome à ilha da costa do Brasil e que tinha origem judaica (cristão novo). Brasil, conclui Barroso, é a terra referida pelo poeta Griffin: “*And they called it O’Brasil, the isle of the blest!*” Posição semelhante a de Barroso, sem o antissemitismo, foi defendida por Geraldo Cantarino em seu livro de 2004, *Uma ilha chamada Brasil. O paraíso irlandês no passado brasileiro*.

O “Brasil de Portugal” do século XIV aparece no epílogo do “Conto do Padre da Freira”, um dos *Contos de Canterbury* de Geoffrey Chaucer (de 1386), no qual o malicioso anfitrião elogia a beleza do monge que acabou de narrar a fábula do vaidoso galo Chantecler:

Mas, verdade, se não fosse clérigo, eu juro,
Seria um comedor de galinhas dos bons!
Pois se tivesse desejo, como podia ter tido,
E quisesse galinhas, seria fácil encontrá-las,
E muito mais que sete vezes dezessete
Vejam os músculos deste nobre sacerdote,
Que forte nuca e que esplêndido tórax!

Ele tem um fogo de gavião feroz nos olhos;
E decerto não tem necessidade de tingir
Suas bochechas com **brasil de Portugal**.

Isto significa que os portugueses eram intermediários entre os italianos e os ingleses no comércio de pau-brasil-da-índia. É comum o consumidor identificar a mercadoria pelo vendedor, não do produtor. Os ingleses chamavam de *turkey* (da Turquia) a ave africana que conhecemos como galinha-d'angola, pois vinha através do comércio turco (mais tarde deram o mesmo nome à ave mexicana que conhecemos como peru). Igualmente, os brasileiros chamavam de pimenta-do-reino, em contraste com as pimentas vermelhas nativas, à que era trazida da Índia por intermédio do Reino (de Portugal) e de queijo-do-reino o produto holandês que lhes chegava pelo mesmo caminho.

3. *Polêmica na imprensa internacional*

A revista inglesa *Notes and Queries* divulgou em suas páginas uma polêmica sobre a origem do nome *Brasil*. Numa nota intitulada "América Antes de Colombo?", publicada em janeiro de 1862, o articulista Bolton Corney comentava provas ditas documentais sobre a existência do comércio de pau-brasil (*Brazil wood*) desde 1279, no porto de Londres, e da designação *Brasil* num mapa de 1436, para uma ilha nos Açores, ambas as provas exibidas em outro periódico da época.

AMERICA BEFORE COLUMBUS?

on the merits of Columbus, are 1. The cartographic evidence, dated in 1436, of the existence of an island in the Atlantic named *Brasile*; and 2. The assumption that *Brasil wood* was imported into Italy, and paid tax at the gates of Modena, in 1306; also, into England, paying tax at the gates of London, in 1279, in 1453, etc. He thence infers that "a regular trade with central America had been going on for some two centuries before the first voyage of *Christopher of Cologne*." He means, no doubt, *Christoforo Colombo alias El almirante D. Cristóbal Colon*.

Bolton partiu da premissa da identidade entre os nomes *brasil* e *pau-brasil*, citando um autor francês que explicava que a origem do nome *Brasil*, dado ao país, devia-se à "grande quantidade de *brasis* que lá se encontra". Os dois documentos do artigo original realmente trariam a palavra *brasil*, tanto no mapa quanto na nota tirada no porto. Para essa

última, o articulista reconhecia que a madeira era conhecida muito antes do Descobrimento do Brasil, sendo chamada de *brazil wood* desde, pelo menos, o final do século XIII. Quanto à denominação da ilha, alegou que poderia vir da mesma origem do nome da árvore (*brasa*, em português, que lembra a cor vermelha da tinta extraída dela), ou mesmo da *brasa* expelida pelo vulcão: a ilha Terceira, que recebera o nome de *Brasil* no mapa, é vulcânica.

Admit that *brasil* and *brasil-wood* are synonymous terms — on which point the *Promptorium*

Il est reconnu que le *Brésil*, contrée de l'Amérique méridionale, fut ainsi nommé par les Européens à cause de la grande quantité de *brésils* qu'on y trouva."

J.-M. Raynouard, *Lexique Roman*, ii. 258.

In the document of 1279, as printed by the essayist, and in the document of 1453, as printed by Mr. Heath, we have four articles — *brasil*, *quicksilver*, *vermilion*, and *verdegris* — in the very same order! I conclude, from that circumstance, that many similar instances are on record, and

A polêmica se estenderia até abril de 1862. Duas mensagens reafirmariam a origem do nome *Brasil*. A primeira, citando uma obra de Kidder e Fletcher, "História do Brasil e dos Brasileiros", atribuía a Américo Vespúcio o pioneirismo da exportação do nosso pau-brasil para a Europa.

AMERICA BEFORE COLUMBUS (3rd S. i. 7.)—Kidder and Fletcher, in their *History of Brazil and the Brazilians* (Philadelphia), state that it was from that part of America that Amerigo Vespuccio carried to Europe the famous dye-wood which so resembled the *brazas* or coals of fire used in the chafing-pans of the Portuguese, that the latter called the place whence they came the *brazas-land*, and thence "Brazil." J. DORAN.

A segunda apenas informava a relação entre a cor da madeira, o nome dela e o nome do país:

BRAZIL (2nd S. x. 449) is from *braza*, "a live coal," being the colour of the so-called *Brazil wood*. JOHN H. VAN LENNEP.

A terceira nota atribuía uma origem hebraica ao nome *Brasil*, a partir de *barzel*, que significa *ferro*. E para reforçar a teoria, apresentava dois argumentos linguísticos: o pau-brasil também era conhecido como *pau-ferro* e a expressão "tão duro como o brasil" era corrente na época.

BRAZIL (3rd S. i. 256, &c.) — I sent you a note some time since suggesting that this word is derived from the Hebrew *Barzel*, i. e. *iron*, or from some other Shemitic language. I gave as my reason, that brazil-wood is still called *iron-wood*, and that men still say "as hard as brazil." The word may have reached Europe easily in the way of commerce. Permit me to repeat this note, as the former has not appeared. B. H. C.

3.1. *Barzel e Brasil*

Sem dúvida a principal origem do nome Brasil repassado ao nosso país é o pau-brasil, também conhecido como o citado pau-ferro ou ainda pau-tinta por causa de sua cor vermelho-alaranjada, como a ferrugem, ou devido à cor da madeira lembrar brasas de fogo.

Ressaltando um dos nomes da árvore: pau-ferro - metal que enferuja gerando a cor mencionada – reforça-se a tese da origem hebraica, língua na qual ferro é *barzel*. Existe uma semelhança fonética entre *Brasil* e *barzel*; além disso, o hebraico não é vocalizado e as duas palavras possuem as mesmas consoantes: as letras hebraicas *Beit*, *Resh*, *Zayin* e *Lamed* (BRZL).

Não nos esqueçamos que, no período colonial, o pau-brasil era também chamado de "madeira judaica"!

3.2. *Extrapolações místicas cabalísticas*

Os místicos lembram que a palavra *Barzel* pode ser entendida como *Mistério do Coração*. As duas letras mediais RZ formam a palavra *raz*, que significa mistério, segredo e as outras duas, LB, formam *Lev*, coração.

Os místicos lembram que BRZL é o acróstico dos nomes das quatro esposas de Jacó - Bila, Rachel, Zilpa e Lea, mães das 12 tribos de Israel. Assim, o termo representa todo Israel. As 4 mães representam os 4

lados do Tabernáculo e as posições onde as tribos acampavam ao seu redor, identificam sua localização no futuro.

A *gematria* de *Lev* é 32: são os 32 caminhos da sabedoria do coração. 26 é o número atômico do Ferro - que é igual ao valor numérico do Tetragrama, YHVH.

A tradição judaica fala do corpo de Adão ser feito a partir da argila vermelha (rica em ferro) e seu nome está ligado ao conceito de *dam* (sangue), que contém ferro.

Essa comparação fora feita pelo Rabino Isaac Aboab da Fonseca, primeiro religioso de origem judaica a chegar ao Brasil (aliás, à América!), em 1642, durante a ocupação holandesa.

Este pequeno passeio digressivo por caminhos da mística hebraica, além de ilustração, serve como introdução à viagem pelas lendas (ou teses) das navegações do Rei Salomão ao Brasil.

4. Índios: Hebreus de Salomão?

Desde o século XVI, estudiosos têm levantado hipóteses relativas à presença judaica na América – especialmente na Amazônia – desde tempos bíblicos. Nenhuma de nossas lendas chegou tão perto de ser comprovada como a da fantástica Solimônia, região referente à Amazônia Ocidental. Atribui-se ao Rei Salomão incursões à vasta região dos Rios Solimões e Negro, aonde o monarca hebreu teria enviado naus fenícias em busca de ouro, prata, pedras preciosas e madeiras nobres para a construção do famoso templo, em viagens que duravam cerca de três anos.

Dom Henrique Onffroy de Thoron, etnólogo do século XIX preconizou a origem hebraica dos indígenas brasileiros, afirmando veementemente que os índios aqui estabelecidos descendem diretamente dos tripulantes das naus do Rei Salomão, que nos tempos bíblicos ancoraram no “celeiro do mundo, nas desertas praias do Atlântico”. Em extenso ensaio, publicado em 1869 no jornal *O Globo de Gênova*, este estudioso defende com ardor científico a teoria acerca da procedência dos índios encontrados por Cabral, de naus fenícias e hebreias arremessadas nas praias brasileiras por naufrágios, ou ali chegados em viagens premeditadas. Thoron empenha-se em demonstrar que os povos da antiguidade mais remota conheciam as Américas.

Ele sabia latim, grego e hebraico, conhecia a língua tupi, e também a língua quíchua, que é ainda falada nas terras limítrofes entre o Brasil e o Peru. Não conformado com generalizações, o autor procurou mostrar que existem três localidades bíblicas, **Parvaim, Ofir e Tarshish** que, segundo ele, se situam no Brasil. A ousadia inovadora da tese consiste em tentar demonstrar cientificamente suas idéias, por meio da filologia e da linguística.

Para Thoron, *Parvaim* é pronúncia alterada de *Paruim*, porque o antigo alfabeto latino confundia o *v* e o *u*; o *iod* é a vogal *i*, muitas vezes se lia com a pronúncia de *ai* em hebraico. No texto hebraico, o ouro de *Parvaim* está escrito *Zahav-Paruim* (II Crônicas, 3:6-22); no texto grego da Septuaginta, acha-se igualmente *Paruim*. A terminação hebraica *im* indica o masculino plural. E vem acrescentado a *Paru*, porque, efetivamente, existem na bacia superior do Amazonas, no território oriental do Peru, dois rios auríferos, um com o nome de *Paru* (e conhecido como Rio Puru), outro, com o de *Apu-Paru* (*Apu-Puru*), e ambos se confundem depois com o Ucayali, um dos grandes afluentes do Amazonas. Os dois rios de nome *Paru* fazem, no plural, o *Paruim* dos hebreus. E mais: os rios *Paru* e *Apu-Paru* descem da província de Carabaia, a mais aurífera do Peru, estando aí a rica região de *Parvaim*. Quando David morreu deixou a Salomão, para a construção do templo, 7.000 talentos de prata e 3.000 de ouro de Ofir.

Os topônimos Ofir e Tarshish podem ser também analisados pela etimologia.

Para determinar a localização de Ofir, Thoron diz: no Livro I dos Reis, Capítulo 10, versículo 2, o nome está escrito em hebraico de dois modos: *Apir* e *Aypir*, e, no Capítulo 9, versículo 28, se escreve *Aypira* (*Ophira*), que é o nome mal pronunciado de Japurá, afluente do Amazonas ou Solimões. As deduções de Thoron são tiradas com o apoio da filologia, com base em seu conhecimento do quíchua, língua que ainda se fala na bacia superior do Amazonas. *Aypira* é Japurá em consequência de uma permuta de letras, como: em quíchua *yura*, folhagem, é em basco *urya*; *vaso*, em quíchua, é *kirau* e, em caldaico, *kiura*, etc. Assim, pelos exemplos de permutas e de substituições de vogais, que não alteram a significação das palavras, de *Aypira* (*Ophira*) da Bíblia teria vindo do nome do rio Japurá.

Para identificar a **Tarshish** bíblica, que aparece no Livro I dos Reis 10:22, Livro II das Crônicas 20:36 e 9:21, Jeremias 10:9, Ezequiel

27:12, Isaías 23:1, Jonas 1:3, Thoron, de novo, recorre à análise etimológica do topônimo e decompõe a palavra Tarshish. Para ele, foi a alta Amazônia que no tempo de Salomão recebeu o nome de *Tarshish*, cuja etimologia, em língua quíchua, origina-se de *Tari*, "descobrir", *chichy*, "colher ouro miúdo". Tarshish é, pois, o lugar onde se descobre e colhe o ouro miúdo. Forçada a abandonar Ofir e Parvaim, a frota salomônica dirigiu-se para a região da Alta Amazônia, onde o ouro era mais abundante, região essa que no tempo de Salomão recebeu o nome de Tarshish.

O próprio nome ‘**Solimões**’ – que designa o curso do Rio Amazonas – teria sua origem no nome do sábio Rei Salomão, cuja forma popular era Solimão. Onffroy de Thoron afirma que Solimões é o nome alterado (corruptela) de Salomão, dado ao rio pelas frotas do rei sábio. Em hebraico Salomão é *Shlomo* e em árabe Soliman. A oeste do Pará, dizem as crônicas dos primeiros dias do Brasil, havia uma imensa tribo com o nome de Soliman, que era a do rio. Daí fizeram os portugueses Solimão, porque costumam mudar o *n* final na vogal *o*. Em suas palavras:

O rio das Amazonas, desce da embocadura do Ucaial, até a foz do rio Negro, tem ainda o nome de **Solimões**. Pois bem: este não é nem mais nem menos que o nome alterado de Salomão, nome que ao grande rio tinham dado as expedições do rei-poeta. Ora, os cronistas referem que a oeste do Pará existia uma grande tribo conhecida pelo mesmo nome de "**Solimões**"

A fragilidade das coincidências linguísticas ou fonéticas pode até despertar suspeita; mas, argumentar que elas sejam pura casualidade é adotar uma postura interpretativa simplista e intransigente.

Relembrando a afirmação de Câmara Cascudo (2001, p. 64), a maioria das tentativas dos etimologistas são apenas “conjecturas”, mas que podem vir a se tornarem “convenções” sociais: dependendo da “maior ou menor habilidade erudita” sustentadas pelo intelectual que as defende como verdadeiras.